



ARGENTINA

Apesar dos obstáculos, hermanos invadem o Catar e contagiam com a cantoria em busca do tricampeonato

Amor para ganhar o mundo

JOÃO VÍTOR MARQUES
Enviado especial

Emiliano Lasalvia/AFP



Não importa o local, os apaixonados argentinos vibram forte pela seleção que buscará, no domingo, o tricampeonato mundial contra a França

Lusail — A forma característica de mover os braços e o ritmo cadenciado pelo bumbo rapidamente contagiam a atmosfera dos estádios. Nas arquibancadas, o branco e o celeste são sempre dominantes. De olhos fechados, o Estádio Icônico de Lusail faz lembrar o Monumental de Núñez, em Buenos Aires: “Estamos jogando em casa”, sorriu Dibu Martínez. A frase de um dos grandes goleiros desta Copa do Mundo pode soar como demagogia, mas tem razão de ser. Pelas ruas do Catar, a “invasão” argentina chama a atenção há quase um mês — e tem se intensificado com a possibilidade do tricampeonato.

Moradores da Argentina compraram mais de 60 mil ingressos para o Mundial, segundo a Fifa. Estima-se que pelo menos 20 mil nascidos por lá estão no Catar neste momento. Muitos deles vieram sem entrada garantida nos estádios, mas com a esperança de viver um momento histórico para o país, que não conquista a Copa do Mundo desde 1986.

Atravessar o oceano e chegar ao Oriente Médio, porém, não é uma tarefa nada simples para muitos. “Fazemos loucuras para estar aqui. Hoje em dia, com a situação do país e o câmbio, é muito, muito difícil para nós”, diz Adrian Vicário, torcedor do Boca Juniors, que saiu de Buenos Aires para apoiar a seleção no Catar.

Há relatos de quem tenha vendido carro e até mesmo apartamento para acompanhar a Copa do Mundo. A Argentina vive uma grave crise econômica, ao passo que o Catar realiza o Mundial mais caro da história — tanto para os torcedores, quanto em termos de investimento em infraestrutura. Passar 10 dias no país custa, pelo menos, R\$ 30 mil, considerando estadia, alimentação, passagem aérea e ingressos.

Para driblar as barreiras financeiras, muitos argentinos têm se hospedado em Barwa, uma área nas redondezas de Doha onde foram construídos prédios que futuramente servirão de moradia para trabalhadores imigrantes. São apartamentos padronizados, de custo mais baixo e infraestrutura básica, que também servirão de abrigo para muitos brasileiros durante a estadia no Catar. A aventura para acompanhar de perto o Mundial é uma das mostras de que a relação dos argentinos com o selecionado nacional é bem particular. Há uma paixão intensa que se vive na pele, com tatuagens em referência a ídolos como Maradona e Messi, e nas vozes, com as tradicionais músicas que grudam na cabeça.

“A grande diferença é esta: a paixão, o sentimento. Há muitos países na América do Sul que tentam imitar os cantos, mas não sai de dentro, não sai do coração. Somos assim, apaixonados pelo

futebol e pelo país, porque falamos de Maradona, falamos das Malvinas. Por isso soa diferente do resto do mundo”, disse, sorridente, Adrian Pablo De Reatti, torcedor do River, também morador de Buenos Aires.

Ao contrário da maioria das torcidas, são muitas as canções que embalam a equipe. E todos as conhecem — da menininha de 12, 13 anos, que se empolga com a festa no metrô a caminho do estádio, ao senhor que se lembra dos tempos áureos da década de 1980.

Ir a um jogo da Argentina nesta Copa do Mundo é ter a certeza de que as canções repetidas à exaustão por uma torcida que não se cala nem um minuto lhe acompanharão na cabeça até a hora de dormir. O maior hit no Catar é *Muchachos, Ahora Nos Volvimos a Ilusionar* (Garotos, Agora Voltamos a Sonhar, em tradução livre para o português).

A música provoca o Brasil pela derrota na Copa América de 2021, no Maracanã, e faz menção a Messi, Maradona e à Guerra das

Malvinas — conflito perdido pelos argentinos contra a Inglaterra. Foi eleita pelo próprio camisa 10 como a composição favorita feita pela torcida.

Mas as vozes que “alentam” a Scaloneta nem sempre ecoam naquele castelhano platense, com o característico chiado de Buenos Aires. Pelas ruas da capital Doha, as camisas alvicelestes se multiplicam também entre pessoas nascidas em outros países, como Índia, Paquistão e Bangladesh.

Ao lado do Brasil, a seleção de Messi é uma das preferidas dos imigrantes, que compõem 70% da população de menos de 3 milhões de habitantes do Catar. Isso ajuda a explicar o domínio da Argentina nas arquibancadas em estádios para até 88 mil torcedores.

Barras

“Nossa torcida canta os 90 minutos, é uma loucura, não pára nunca”, gritou um torcedor na saída do Estádio Icônico de

“Somos assim, apaixonados pelo futebol e pelo nosso país, porque falamos de Maradona, falamos das Malvinas. Por isso soa diferente do resto do mundo”

Adrian Pablo Reatti,
torcedor argentino no Catar

Lusail, após o show — em campo e nas tribunas — na vitória por 3 x 0 sobre a Croácia. A intensidade alviceleste nas arquibancadas, porém, não se explica unicamente pela paixão de todo um povo. Alguns dos regentes da banda são bem acostumados a frequentar arquibancadas em jogos de clubes na Argentina.

Quem acompanha de perto o futebol local identificou mais de uma centena de barras bravas (integrantes de torcidas organizadas) nos estádios do Catar. Há torcedores ligados a gigantes como Boca Juniors, River Plate e Racing, mas também se fizeram presentes “hinchas” de clubes de menor expressão (Argentinos Juniors, Huracán, Chicago, All Boys, Atlanta, Belgrano).

Antes de a bola rolar, a Argentina fez um movimento político para evitar que torcedores com histórico de violência fossem ao Mundial. O governo do país sul-americano queria uma Copa sem barras. Para isso, o Ministério de Segurança enviou a autoridades catari uma lista com dados de mais de 6 mil argentinos e sugeriu que a eles fosse negado o Hayya Card, uma espécie de visto obrigatório para entrar no Catar no período de competição.

Metade dos “proibidos” são barras, enquanto a outra metade tem no histórico algum tipo de delito — nos estádios argentinos ou fora deles. Segundo a imprensa da Argentina, o entendimento do governo é de que fez sua parte ao enviar a lista. Dali em diante, a responsabilidade seria do Catar, que teve na segurança um dos pontos de maior atenção durante a organização da Copa.

Até aqui, não há relatos públicos de nenhum tipo de problemas sérios com nenhuma torcida do Mundial. Durante os jogos, foi possível ver algumas situações que incomodam parte dos seguranças — como quando os argentinos tiram a camisa para torcer, sobem em bancadas ou se amontoam atrás dos gols fora dos assentos previamente marcados — mas nada que tenha de fato atrapalhado o espetáculo. Agora, eles se preparam para o grand finale.

Coluna do Mauro Beting



Torça pra quem quiser

Eu sou brasileiro há 56 anos pelos meus bisavós prussianos emigrarem há 161 para tentar melhorar de vida. Eu também sou brasileiro pelos meus tios-bisavós italianos que vieram cuidar dos órfãos de imigrantes e de ex-escravos em São Paulo, há 124 anos, enquanto o outro lado italiano da família da minha mãe escolheu o Brasil em vez da Austrália para ganhar o que a Itália vinha perdendo de gente e riqueza.

Sou brasileiro com muito orgulho pelo casamento de italianos e alemães neste país. Aqui fizeram família e casa. Sou tão brasileiro quanto italiano e alemão.

Torço pelo Brasil mais do que pela Azzurra e pela Nationalmannschaft. Chorei com Sarriá em 1982 e vibrei com Rose Bowl em 1994. Comemorei a final de 2002, como caí de sete em 2014. Nesta Copa, lamentei tanto o Brasil saindo quanto a Itália nem chegando.

É torcida. É Copa. É gosto. Como pizza é como Copa. Até quando é ruim é ótima. Qualquer joguinho de Copa é como qualquer pedaço de pizza. É uma delícia. E, como pizza (tiramando a portuguesa...), qualquer escolha é aceitável. Ninguém é mais ou menos por preferir calabresa a mussarela. Você pode torcer pelo Messi e pelo Cristiano. Pode vibrar pela França e torcer contra a Argentina. Ou torcer pelo terceiro colocado e nem assistir à finalíssima esperada em Copa de zebras, mas de guardadas certezas: Messi ou Mbappé farão a festa merecida.

Torcer é escolha individual mais coletiva que existe. Sempre se justifica, não se justifica. Ninguém pode ser cobrado por torcer ou por não torcer. Não é modinha, nutella, raiz ou berço. É gosto. Também desgosto. Em 2018, minha filhota torceu pelo Uruguai por achar o Muslera um gato (?), e ficou brava em 2022 por não ter Piquerez. Uma tia torceu pela Rússia pelo passado comunista. Uma amiga é França pelo jogo do Mbappé e pela beleza do Griezmann. Mas seria contra se fosse o país governado pela Le Pen. Filha de um amigo chorou pela Coreia do Sul do BTS. Um

amigo quer conhecer o Marrocos por causa do Bono (e, confesso, já torci mais do que devia pela Irlanda por causa de outro Bono...).

Eu sou sempre Brasil por questão de berço. Jamais deixaria de ser pelo presidente de plantão, de coturno ou não. Sou sempre Itália e Alemanha depois do meu país pela raiz dos meus pais. Sou Holanda quando dá desde 1974. E troco de camisas como quem troca de roupa quando alguns times trocam a bola com categoria ou bravura. Como a França muitas vezes. A Hungria de 1954. E algumas equipes que torço

independente da camisa. E do governante da ocasião.

Torcer é assim. Não exige razão. Só não tem a menor razão quem exige coerência ou motivo para torcer. Quem cobra quem torce por um país, uma equipe, um clube, um craque, um gato, uma biografia. Também não pode exigir que se torça por um continente, um regime, uma economia, uma ideia ou se torça e se force contra um político, um povo, um rival. Não se cancela quem ama. Não se patulha paixão.

Futebol é plural. Torcida é emoção. Quem exige razão não tem juízo.